



**GAZETA MÉDICA DA BAHIA: CORPO, MODERNIDADE E
PRÁTICAS CORPORAIS (1866-1934)¹**

***Bahia Medical Gazette: body, modernity and body practices
(1866-1934)***

***Gazeta Médica da Bahia: cuerpo, modernidad y prácticas
corporales (1866-1934)***

Aline Gomes Machado²

Resumo:

Nosso estudo buscou compreender quais as representações de corpo presentes nas edições da *Gazeta Médica da Bahia*, e as relações entre uma educação do corpo centrada nos ideais modernizadores, procurando localizar o debate acerca da ginástica e de outras práticas corporais em Salvador, inicialmente. A *Gazeta* foi o periódico científico específico com maior duração e de maior circulação no Brasil, na segunda metade do século XIX. Aqui, delimitamos nosso estudo no primeiro ciclo de produção da *GMB*: 1866 quando surgiu e 1934, ano em que os direitos da Revista foram passados para Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB). Para tanto, nos embasamos na metodologia da História Cultural, tendo o conceito de Representação como central para nossa análise. Argumentamos, assim, que as representações de corpo da *GMB* sinalizam um processo de modernização de Salvador e da própria medicina na Bahia e no Brasil.

Palavras-chave: Representação. Corpo. Práticas corporais. Modernidade.

Abstract:

Our study sought to understand the representations of the body present in the editions of the *Bahia Medical Gazette*, and the relationships between an education of the body centered on modernizing ideas, seeking to locate the debate about gymnastics and other body practices in Salvador, initially. The *Gazette* was the longest-running and most widely circulated scientific journal in Brazil, in the second half of the 19th century. Here, we delimit our study in the first production cycle of the *Gazette*: 1866 when it was created and 1934, the year in which the rights to the Journal were transferred to the Faculty of Medicine of Bahia (FAMEB). To this end, we based ourselves on the methodology of Cultural History, with the concept of Representation as central to our analysis. Thus, we argue that the representations of the body in the *Gazette* signal a process of modernization of Salvador and of medicine itself in Bahia and Brazil.

Keywords: Representation. Body. Body practices. Modernity.

Resumen:

Nuestro estudio buscó comprender las representaciones del cuerpo presentes en las ediciones de la *Gazeta Médica da Bahia* y las relaciones entre una educación del cuerpo centrada en ideales modernizadores, buscando ubicar el debate sobre la gimnasia y otras prácticas corporales en Salvador, inicialmente. *Gazeta* fue el periódico científico específico de mayor duración y circulación en Brasil en la segunda mitad del siglo XIX. Aquí limitamos nuestro estudio al primer ciclo de producción de *GMB*: 1866 cuando apareció y 1934, año en que los derechos de la Revista fueron transferidos a la Facultad de Medicina de Bahía (FAMEB). Para ello, nos basamos en la metodología de la Historia Cultural, teniendo el concepto de Representación como central de nuestro análisis. Sostenemos, por lo tanto, que las representaciones corporales de *GMB* señalan un proceso de modernización en Salvador y la propia medicina en Bahía y Brasil.

Palabras clave: Representación. Cuerpo. Prácticas corporales. Modernidad.

Introdução

A existência humana é difícil de ser compreendida dissociada do corpo. A condição humana é essencialmente corporal. Dos seus inúmeros desdobramentos – físico, biológico, religioso, sexual, sensível, estético, social, cultural –, de prisão da alma a centro de defesa e apreciação, o corpo representou uma diversidade de coisas ao longo dos diferentes momentos históricos. De lugar de iminente manifestação de pecado, que precisa ser ocultado sob diversas camadas de tecidos, à manifestação máxima de liberdade, que precisa ser exposto ao limite (ou ausência total de limite) da nudez. O corpo, enfim, pode ser visto como manifestação e materialização de ideais e representações socioculturais.

Todos os sentidos produzidos em torno e pelo corpo, as diferentes representações de corpo, são localizadas no tempo e no espaço. “Os espaços, os volumes e a própria profundidade do corpo se fixam e se desenvolvem com o tempo” (VIGARELLO, 2006, p. 10). O corpo pode

desdobrar-se em reflexo da conjuntura em que se insere. Logo, podemos assumir os corpos como objetos de estudo que falam de si, do outro, do meio, do espaço e do tempo.

Ferreira (2011, p. 242) corrobora com essa noção ampla de corpo, ao afirmar que este é:

Habitualmente percebido como uma matéria individual e natural, o corpo humano é também uma construção social. Sendo o patrimônio físico que mais visivelmente representa a pessoa, a sua manutenção, modificação e controlo são, contudo, mediados por uma rede de instituições e indivíduos que actuam tanto na esfera pública como na privada: família, escola, medicina, religião, meios de comunicação social, entre muitos outros.

Se pensarmos, além do já sinalizado, o corpo e movimento, corpo e as práticas corporais, podemos comungar com o que argumenta Andréa Moreno (2011, p. 192):

Como nos lembram sempre os estudos antropológicos sobre o corpo, as técnicas corporais – e aqui me refiro as práticas corporais – são marcas da cultura. Nasceram na história, são simbólicas. Traduzem o modo como homens e mulheres —cuidam (ou não) de seus corpos, se servem deles. Traduzem, logo, uma visão de mundo dos que a praticam. As práticas corporais existentes numa sociedade, são portadoras de gestos, os quais, mais que mecânicos, simbolizam a inscrição de uma cultura. Retirando da natureza a capacidade de explicar o corpo humano e seus movimentos, podemos pensar, dessa forma, no corpo como um arquivo. Como a memória, depositário de valores, crenças, histórias.

Assim, além da importância já destacada, temos que caminhar para a compreensão de que para construirmos um estudo histórico sobre o corpo, visto como um múltiplo e complexo objeto, temos de aprofundar os olhares e ampliar as leituras, expandir as sínteses, romper as barreiras superficiais e imergir em contextos mais densos. Como em toda análise histórica, em toda pesquisa científica existem múltiplas formas de discutir objetos e contextos, estas variedades formam o mosaico explicativo e analítico das histórias de cada realidade. Reconhecemos também a limitação do historiador e da pesquisa em construir um estudo que dê conta de abarcar todos os fatores que cercam cada objeto, colocando um claro e compreensível impedimento de, num único estudo, construir uma história total, do que quer que seja.

Na esteira desse pensamento, nosso estudo busca compreender quais as representações de corpo presentes nas edições da *Gazeta Médica da Bahia (GMB)*, e as relações entre uma educação do corpo centrada nos ideais modernizadores, procurando localizar o debate acerca da ginástica e de outras práticas corporais nesse contexto.

Já é debatida, na literatura nacional, a estreita relação que a ginástica e algumas práticas corporais tiveram com o debate médico. Durante o século XIX, o desenvolvimento da medicina

em diversos momentos buscou validar a importância de uma educação física para o fortalecimento da nação. Dentre as atividades físicas defendidas, a ginástica ocupou um lugar de destaque nesta comunidade, devido ao seu caráter tido como científico. O aumento de pesquisas na área da fisiologia, anatomia e biologia apontavam a importância destas práticas para o desenvolvimento social, assentando-se em justificativas que giravam em torno de ideais higiênicos, morais, estéticos e econômicos. Ideais esses que compunham uma noção do que seria moderno, o objetivo central que motivava uma grande parte das/os brasileiros, principalmente uma elite econômica, políticos, intelectuais, notadamente os médicos.

Assim, acreditamos que, ao nos debruçarmos sobre o debate da *GMB*, poderemos encontrar informações importantes, tanto sobre as representações de corpo, como da própria organização da Educação Física no contexto da sociedade soteropolitana que buscava modernizar-se.

A *Gazeta Médica da Bahia* foi o periódico científico de maior circulação e relevância no Brasil na segunda metade do século XIX. Surgiu em 1866, como parte do processo de desenvolvimento da pesquisa científica da antiga Escola de Medicina e Cirurgia – que se tornou mais tarde a Faculdade de Medicina da Bahia, que tempos depois foi integrada à Universidade Federal da Bahia. A *GMB* circulou regularmente entre 1866 e 1934, depois entre 1966 e 1972, com um número avulso em 1976, voltando a ser produzida com regularidade entre 2002 e julho de 2011, como aponta Tavares-Neto, editor da revista. Aqui, delimitamos nosso estudo no primeiro ciclo de produção da *GMB*: 1866, quando surgiu, e 1934, ano em que os direitos da Revista foram passados para Faculdade de Medicina da Bahia-UFBA.

Nesse período, os debates da *GMB* giravam em torno de diversas questões sociais e extrapolavam o grupo médico da Bahia, contando com publicações e contribuições de médicos de outros lugares do país, mostrando um alcance e organização que, até então, nenhum outro periódico da área médica tinha conseguido manter. A *GMB* foi, também, palco do debate do grupo que, mais tarde, ficou conhecido como Escola Tropicalista Baiana, formada por um grupo de médicos que se debruçavam sobre a etiologia das doenças tropicais, além de mostrar preocupação com o tratamento desprendido à população negra (escravizados, no período), atenção à questão da saúde pública, colocando-se como importante grupo na conjuntura do período.

Assim, os saberes de áreas como a medicina se tornaram basilares em discursos e mudanças que visavam levar às cidades a responderem às demandas apresentadas. Desta forma, esse

periódico, que esteve fortemente ligado à Faculdade de Medicina da Bahia, nos aponta questões importantes do contexto histórico da capital baiana.

Tal fato aponta a relevância desse grupo de intelectuais na cena sociocultural da capital baiana. Salvador foi a Capital Federal entre os anos de 1549 e 1763, palco de efervescência de questões fundamentais num país continental que, política e culturalmente, ainda é fragmentado. A capital baiana fez parte da construção do país e marcou momentos da consolidação do Brasil. Esta é uma característica que singularizou a trajetória desta cidade, portanto, impossível de esquecer, de deixar de lado, quando nos propomos a estudar este local na perspectiva histórica. Assim, ter esta cidade como locus de pesquisa significa estudar uma parte significativa da nossa própria história, enquanto brasileiras e brasileiros, garantindo relevância ao movimento.

Quando pensamos no contexto sociocultural em que a *GMB* se desenvolveu, vemos que Salvador, assim como outras cidades do país, se via num processo de transformação, caminhando no sentido do que se entendia por Modernidade. Desde o século XIX, as principais capitais brasileiras caminhavam realizando modificações estruturais, políticas e culturais na tentativa de colocá-las na rota da modernização que se espalhava pelo ocidente. Mudanças eram feitas almejando atingir as representações de civilização e modernidade que o espelho europeu apontava como ideais.

Ao estudarmos esses contextos, temos que ter em mente a ambiguidade e tensões próprias da Modernidade e, também, precisamos olhar como essas questões se articularam, se manifestaram nos contextos específicos, buscando olhar o comum e o diferente, as continuidades que caracterizaram o processo modernizador de um modo geral e as discontinuidades que podem ser percebidas. Ao falarmos de Modernidade, precisamos estar cientes que ela carregou, no seu desenvolvimento, características gerais que exigiam enquadramentos para que as sociedades fossem consideradas modernas. A modernização teve estreita relação com as ideias de racionalidade, cientificidade, desenvolvimento dos modos de produção, liberalismo econômico, urbanização, guardando em si a lógica da Revolução Burguesa sob a qual eclodiu na Europa.

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades [...] (BERMAN, 1986, p. 16).

Como podemos perceber, o processo de modernização se disseminou a partir de construções e desconstruções. O seu desenvolvimento se deu confluindo ambiguidades, assim suas leituras e análises precisam estar atentas às tensões em que se estabeleceu.

Além dessas características mencionadas, Marshall Berman (1986) discute a modernidade como um tipo de experiência vital localizada no tempo e no espaço, que os homens e mulheres compartilham em conjunto. Logo, podemos pensar que, mesmo guardando em si características gerais, a modernidade foi se delineando a partir das condições locais, da realidade concreta de cada contexto. Logo, seria ingênuo e reducionista dizer que a modernidade brasileira aconteceu tal qual a dos países europeus, ainda que estes fossem espelhos. O contexto político, econômico e cultural do Brasil configurou experiência diferente nos projetos de modernidade aqui existentes. Podemos dizer que configurou experiências – no plural – diferentes a depender do contexto de cada cidade.

Em outros sentidos, Salvador também viu fervilhar o desejo pela modernidade, por novos ares, modos de vida, novos comportamentos e hábitos. Viu a necessidade de mudanças urbanas, arquitetônicas, estruturais para tornar-se civilizada, representação do progresso. Contudo, a capital baiana encontrava-se em situação de menor favorecimento, nesse período. A cidade já não possuía a mesma força política de outros tempos e seu poder econômico se encontrava enfraquecido frente a outras capitais brasileiras.

No período compreendido entre meados do século XIX e início do XX, nosso marco temporal, em que aconteceram acentuadas transformações pelo país, as forças produtivas de Salvador tiveram fraco crescimento. Sua relação com o processo de industrialização, que se intensificava pelo país, era tímida. A capital baiana possuiu indústrias sim, mas não chegou a vivenciar uma verdadeira industrialização, sua economia era essencialmente agromercantil até 1930, o que impactou no desenvolvimento dos projetos de modernidade da cidade (Risério, 2004). O cenário da capital baiana, assim como de muitas outras cidades do país, ainda sustentava grandes aspectos coloniais mesmo no início do século XX. Grande parte da população de Salvador era (e ainda é) negra, recém-liberta da escravidão, corpos negros destoantes das representações europeias de corpo moderno, o corpo branco. Essas pessoas não eram absorvidas pelo mercado de trabalho formal que possuía mentalidade fortemente aristocrata e racista, viviam à margem social, por assim dizer. Isso fazia com que vivessem em péssimas condições de moradia e precária situação de saúde e higiene, configurando uma cena urbana distante dos padrões desejados como civilizados.

Além das mudanças urbanísticas ligadas ao embelezamento da cidade de Salvador, outro objetivo estava vinculado aos projetos modernizadores, a questão da higiene e saúde pública. Neste período entre séculos, pairava sobre a população, recorrentemente, epidemias de doenças infectocontagiosas. O contágio e afecção dessas doenças estavam fortemente ligados às questões sanitárias. As condições de moradia, de saneamento, de higiene, influenciavam diretamente o surgimento e o desenvolvimento dessas doenças. Isso representava marcas de atraso e incivilidade – diretamente ligadas às questões do corpo – justamente o contrário do que se pretendia.

Nesse sentido, além dos aspectos estéticos, as transformações urbanas visavam reconfigurar os ambientes públicos e privados para que neles não proliferassem doenças. Logo, os projetos modernizadores contavam com o apoio dos homens das ciências (médicos, articulistas, intelectuais) para destruir o que estivesse ligado ao contágio de doenças e ao que se entendia por atraso. A desapropriação de habitações coletivas é exemplo dessas ações modernizadoras, sendo justificada tanto no sentido de melhoria da higiene pública, como de embelezamento da cidade.

Aqui, vemos uma corrente científica de pensamento que orientou durante longo tempo, diversas transformações culturais, sociais e científicas: o conhecido movimento higienista. Os médicos higienistas da *GMB*, esses homens de ciências, como sinaliza Martinelli (2014), propuseram métodos diagnósticos e medidas terapêuticas das doenças, além de medidas e práticas de acordo com as normas estabelecidas pela Higiene, buscando adequá-las ao contexto nacional.

Desta forma, compreendemos que o projeto de modernidade da capital baiana, como de outros locais, envolveu bem mais que mudanças econômicas, políticas e estruturais. Seus domínios queriam se materializar nas mais variadas práticas cotidianas, a fim de tornar essas práticas, e seus praticantes, representações de uma sociedade moderna, civilizada. Logo, é compreensível a atenção ter se voltado para o corpo como palco, como representação de modernidade. Assim, partimos da premissa que houve um movimento de modelação e educação do corpo, a fim de torná-lo moderno. Alain Corbin aponta que o processo de modernidade fez com que ocorressem deslocamentos em todas as referências que dizem respeito ao corpo:

Aos poucos impõe-se a consciência da gestação social do corpo. Nesta nova perspectiva culturalista, o corpo aparece como resultado de uma construção, de um equilíbrio estabelecido entre o dentro e o fora, entre a carne e o mundo. Um conjunto de regras, um trabalho cotidiano das aparências, de complexos rituais de interação, a liberdade de que cada um dispõe para lidar com o estilo comum, com as posturas, as atitudes

determinadas, os modos usuais de olhar, de portar-se, de mover-se, compõem a fábrica social do corpo. As maneiras de se maquiar, de se pentear, inclusive de tatuar – se necessário, se mutilar – e de se vestir, são igualmente características do gênero, da classe etária, do status social ou da pretensão de pertencer a determinada classe. Até a própria transgressão manifesta a força do contexto social e ideológico (CORBIN, 2008, p. 8- 9).

Na esteira desse pensamento, ao olharmos para os corpos, estamos vendo não apenas o objeto biológico, mas toda inscrição de um processo de desenvolvimento, de mudanças socioculturais. As sociedades que se modernizavam, inscreviam ou tentavam inscrever, de modos distintos, marcas desse processo nos corpos. Parte dessas inculcações e desejos eram providos das ciências que estavam em ascensão e alcançavam o cotidiano das pessoas. Esse período representou um triunfo da ciência, ciência esta que tornou a cidade, e os corpos que nela habitavam objetos de intervenção. O espaço urbano passou ser projetado de forma cientificamente classificada, geometrizada e organizada. Em contrapartida, o corpo passou a ser visto como uma estrutura mecânica, um motor, como as máquinas de uma sociedade industrializada (COSTA; SCHWARCZ; 2000; SOARES; 2000; ROCHA 2003; CORBIN, 2008).

Devemos, contudo, lembrar que os ideários de corpos modernos, lidos aqui a partir da *Gazeta Médica da Bahia*, não necessariamente refletiam os corpos do seu cotidiano, mas que, pela relevância do papel médico, no momento, influenciavam as ações e práticas cotidianas.

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é de ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade (CHARTIER, 1991, p. 182-183).

Desta forma, reforçamos que, ao trabalharmos com a categoria representação, buscamos ter em mente que existem distanciamentos entre o simbólico, o pensado por esse grupo da *GMB*, e o real e cotidiano, mas certamente o alcance desse debate influenciou a estrutura sociocultural baiana e as práticas diretamente ligadas ao corpo. Nesta cena, Melo (2007) assegura como, no Brasil, a relação entre os tipos físicos, a partir de determinado momento do fim do século XIX, foi se construindo com relações mais próximas com as práticas corporais. Uma crescente preocupação com a higiene, com a saúde, foi delineando novas formas de lidar com o corpo, de cuidar do corpo. Aí, algumas práticas corporais, como a ginástica, alguns esportes, como o remo, foram sendo valorizadas, fazendo-se presentes e/ou desejadas, incentivadas no cotidiano.

Ao mesmo tempo em que espaços e certas práticas eram publicamente valorizados, outros comportamentos populares passaram a ser proibidos. Em 1903, ainda na então Capital Federal, Pereira Passos editou uma série de proibições municipais para eliminar do centro da cidade práticas que considerava contrariar os preceitos modernos, como “vender nas ruas animais abatidos, conduzir vacas por locais públicos [...], criar porcos na área urbana, mendigar” (ENDRES, 2009, p. 212).

Falamos aqui dessas práticas populares, mas também dos corpos que as exerciam. Eram os corpos e suas práticas culturais que deveriam ser modernizados. Os corpos e seus usos vistos como exagerados, sem controle. Corpos e práticas que destoavam do modelo econômico, efetivo, higiênico, útil da sociedade moderna.

No periódico aqui estudado, podemos perceber que a noção dos benefícios da prática da ginástica se estendia para além das questões fisiológicas, orgânicas. Existia a percepção e defesa da prática como capaz de forjar o indivíduo ideal, capaz de combater os males sociais.

Não há [...] senão um recurso para evitar a degeneração progressiva da espécie humana: é a gymnastica racional, executada na unidade do organismo [...] Não é a gymnastica de acrobaticos, difficeis e arrojados, e sim gymnastica hygienica [...] Adopte-se nas escolas primarias essa gymnastica de movimentos, systematicas, racional, therapeutica (*GAZETA MÉDICA DA BAHIA*, 1878, p. 7).

Podemos perceber que existiu um movimento novo em direção ao que era visto como práticas modernas exercidas por corpos modernos que iriam solucionar um conjunto de males vistos nos corpos e na sociedade.

Nesta esteira, pensar as relações entre modernidade, corpo, ginástica e outras práticas corporais, a partir do que se coloca na *GMB*, é comungar com a compreensão que é impossível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais em termos imediatamente estáticos ou individualizados. Sua distribuição e seus usos numa dada sociedade não se organizam necessariamente segundo divisões sociais prévias, identificadas a partir de diferenças de estado e de fortuna. Falamos a partir de perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade, e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos compartilhados. É a partir desse plural e articulado olhar teórico que a história cultural permite que situamos as nossas análises (CHARTIER, 1991).

Questionamo-nos, então, quais as representações de corpo presentes nas edições da *Gazeta Médica da Bahia* e como se apresentam a ginástica e outras práticas corporais como práticas

modernas. Objetivamos compreender quais as representações de corpo presentes nas edições da *Gazeta Médica da Bahia* (1866-1934) e as relações entre uma educação do corpo centrada nos ideais modernizadores, procurando localizar o papel e lugar da ginástica e de outras práticas corporais nesse cenário.

Isso porque fazia parte dos ideais modernizadores não apenas urbanizar a cidade, mudar sua estética, mas também reformas no que dizia respeito ao comportamento da população. Esses movimentos de mudanças no comportamento das pessoas nos projetos não foram inéditos. A própria ação da modernidade, sua expansão e potencial modificador das realidades, até então experimentadas, foram sentidas e observadas para além da ação do estado. A aceleração do tempo, os novos arranjos de trabalho, os usos do tempo livre, bem como dos espaços, são exemplos da ação modernizadora desde o seu período de eclosão na Revolução Industrial, se intensificando com o passar dos tempos.

Neste sentido, Sevcenko (2006, p. 7) assevera:

Estimuladas, sobretudo por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e de espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir a estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos.

Todas essas mudanças foram proporcionadas e intensificadas pelo desenvolvimento técnico e científico que acelerou a lógica cotidiana. Veras (2019) nos aponta alguns impactos das novidades modernas, como as máquinas que imprimiam rapidez no dia a dia, o cinema e a fotografia que abalavam o conceito de arte; o fonógrafo que permitia a gravação e reprodução de áudios e a publicidade nos ensaios dos primeiros passos. Tais mudanças efetivamente positivas, também acabam por assumir, em determinados momentos, estranhezas e negatividades, muito pelo próprio ar de novidade.

Nesse sentido, falamos de um movimento objetivando as transformações dos costumes, dos hábitos e práticas de camadas sociais mais pobres, que pode ser entendido mesmo no nível de perseguição, em determinados momentos, como foi o caso da conhecida Revolta da Vacina. Inquestionável do ponto de vista da importância da vacinação para o controle da varíola, a forma como se delineou o processo de vacinação foi mesmo autoritário e, até certo ponto, agressivo. Desconsiderando um processo que fosse capaz de conscientizar a importância da vacina para saúde pública, esse acontecimento foi um claro exemplo de como o desenvolvimento científico,

em prol de transformações entendidas como modernas, aconteceu orientada por determinada elite intelectual e sem diálogo adequado com a população.

Quando pensamos em Salvador, vamos ver que com grande parte da população negra, destoando do ideal eugenista de modernidade, muitas práticas deveriam ser abolidas. Isso porque o centro urbano deveria ser a representação do ideário moderno de civilidade europeia, branca e elitizada. Assim, não só estas práticas passaram a ser indesejáveis e combatidas, como outras práticas surgiram e passaram a ser vistas como ideais, desejáveis, apontando um desejo de controle sob o cotidiano e as práticas culturais populares.

Nessa esteira, Salvador sentiu a ação civilizatória pesar nos seus dias. Com uma população predominantemente negra e, por isso, destoando do ideal de modernidade europeia em que se espelhava, diversas práticas culturais passam a ser combatidas na capital baiana.

Então, se faziam necessárias ações mais abrangentes, que conseguissem penetrar nas práticas cotidianas do povo, principalmente das camadas populares, pois as suas ações eram vistas como bárbaras, incivilizadas, completamente contrárias ao que se desejava. Certos hábitos, tradições, preferências por atividades lúdicas ou de entretenimento, como o uso da bebida alcoólica, as jogatinas e mesmo uma chamada malandragem, estavam fortemente arraigadas na alma da maior parte das pessoas, sobretudo, das camadas populares, que formavam majoritariamente a população baiana. Sendo assim, este estrato da população destoava da camada elitizada, não só sob o ponto de vista socioeconômico, mas também no cultural (MACHADO, 2018, p. 32).

Nesse sentido, com objetivo de unificar uma imagem de modernização e civilidade, muitas mudanças eram apontadas como ideais. Enquanto algumas práticas culturais passaram a ser combatidas e demonizadas, outras começaram a ser valorizadas por representarem o que entendiam como moderno e civilizado, dentre elas algumas práticas corporais modernas. A paulatina valorização das atividades físicas teve impactos claros nos novos modelos de corpo socialmente aceitos e nos hábitos cotidianos da população (MELO, 2007).

Nesta linha, Rocha Junior (2011) assegura que, no período de instauração do projeto de modernidade em Salvador, o remo foi uma das práticas que contava com essa representação, tendo sido compreendida como uma atividade esportiva típica dos valores modernos, ajustada às novas exigências de comportamento e posturas, morais e corporais.

Além do remo, uma das práticas corporais que figurou o ideário desejoso da modernização da capital baiana foi a ginástica. Ela simbolizava a necessidade de superação de limites, o extremo de determinadas situações, a valorização de tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de certo conceito de beleza. O seu desenvolvimento tem grande relação com uma sociedade que enfatizava as noções de produção, precisão,

desempenho e disputa (MACHADO, 2018; MELO; PERES, 2014), noções burguesas modernas que estavam presentes nas práticas.

Quando falamos de corpo, de uma educação do corpo, no período em questão, estamos falando, principalmente, da comunidade médica. Essa comunidade apontava caminhos e práticas para modelar o corpo e a sociedade baiana, como já sinalizamos. Agora, precisamos entender como se deu a construção desse saber médico que, vinculados ao pensamento higienista, se mobilizou para formar uma medicina social que fosse capaz que contribuir para todas as transformações apontadas.

Nesse caminho, Gois Junior (2003) assegura que, desde século XIX, o movimento higienista já se encontrava em alicerces sólidos. Vários profissionais de diversas áreas começam a disseminar seu discurso de melhoria dos padrões de vida. O argumento de autoridade do ideário era a urgência – comprovada pelas teses científicas – na intervenção da sociedade nos problemas da população. Sem apresentar uniformidade de pensamento no que se referia ao modo, caminhos e até teorias gerais, os médicos higienistas tinham em comum esse desejo de sanar as mazelas sociais.

Foi nesse intuito de materializar os seus pensamentos e teorias que materiais começaram a circular entre a comunidade científica e, também, o público em geral. Pensando em disseminar seus ideais, periódicos e jornais foram construídos. Nesse cenário, nasceu a *Gazeta Médica da Bahia*. Desde o seu surgimento até um longo período, a *GMB* se consolidou como o mais importante órgão da imprensa médica brasileira, tendo seu primeiro número em 10 de julho de 1866.

A *GMB* objetivava a circulação do pensamento médico, a troca de conhecimento, mas também, pretendia que o debate atingisse governantes capazes de investir em mudanças sociais, e a população, de um modo, geral, para que fosse possível construir uma educação, uma mudança de comportamento dentro dos preceitos higienistas.

Cabe registrar, também, que uma característica importante dos primeiros periódicos médicos brasileiros foi a inserção de matérias versando sobre temas que pudessem interessar diretamente ao leitor leigo. De acordo com Ferreira (1999) foi eleito o tema Higiene como campo de diálogo entre a medicina e a sociedade, possibilitando a compreensão do modo como certas doenças se tornavam um problema de relevância social, assim como a forma como se deu o debate sobre os problemas sanitários do país (MARTINELLI, 2014, p. 49).

É na esteira desse pensamento que compreendemos a relevância do pensamento médico-higienista formulado entre o século XIX e século XX, no que tange as transformações sociais e

uma determinada educação do corpo, no sentido de moderniza-lo, tendo as práticas corporais como elemento integrador da representação de Corpo Moderno.

A Gazeta Médica da Bahia

Como aponta Martinelli (2014), a *GMB* constituiu-se como o mais importante órgão da imprensa médica brasileira, no século XIX, tendo sido uma Revista gerada no seio da Escola Tropicalista da Bahia. Essa Escola ficou conhecida por sua atuação voltada para uma análise nacional das doenças, com base na observação clínica e experimental, distanciando-se da tradicional e conservadora postura médica do momento, dando início, na Bahia, ao debate sobre a bacteriologia, além de apontar os maus tratos e descanso com os pobres e negros escravizados.

Esse grupo foi importante na construção de uma identidade nacional médica e científica, produzindo importantes descobertas no campo. A Escola Tropicalista Baiana pode ser entendida como o primeiro núcleo de pesquisa médica que se constituiu no Brasil, como afirma Bastianelli (2002), reverberando nos modos de ver e tratar as doenças no país e, mais especificamente em Salvador, local de constituição primordial do grupo. Tal fato é de fundamental importância para compreendermos a constituição da *GMB*.

Nesse sentido, Malaquias (2012) aponta como um grupo de médicos começou a se reunir informalmente para discutir assuntos científicos e da medicina, dando atenção especial aos aspectos sociais. Esse grupo formaria uma Associação de Facultativos que, posteriormente, seria reconhecida com Escola Tropicalista da Bahia.

Três médicos estrangeiros e quatro brasileiros, assim era composta a associação de facultativos, que instaurou no Brasil um pioneiro movimento responsável pela implantação de novas práticas médicas inclinadas à experimentação e às observações obtidas nas bancadas dos laboratórios, práticas estas que se revelaram contrárias aos ritos e aos métodos norteadores do ensino oficial praticado pelas Instituições Médicas (MALAQUIAS, 2012, p. 9).

Um grupo aparentemente heterogêneo nas suas origens e formação médica, mas unificado pelos mesmos anseios. O que construíram não tinha nenhum laço com a Faculdade de Medicina. Foi, sobretudo, um movimento de homens que viviam o dia-a-dia da profissão, com todas as conhecidas dificuldades (BASTIANELLI, 2002). Isso nos reforça a ideia, então, de que a autonomia e motivação desse grupo foram as causas da constituição da *Gazeta Médica da Bahia*. Ao observarmos a trajetórias dessas figuras, podemos ver que compartilhavam, além da formação

médica, uma disposição e preocupação com os problemas de saúde pública. Além de buscarem o progresso da medicina na Bahia e no Brasil, eles possuíam especial atenção aos problemas sociais.

O primeiro número da *GMB* apontava a importância para consolidação de uma sociedade civilizada, atendendo à devida representação do significativo grupo médico baiano que buscava melhorias e progressos. Reforçavam a ideia de que a ciência era fundamental para o progresso tanto social, quanto médico e que a criação da *Gazeta* iria contribuir para a medicina sair do caos em que esteve por séculos, contribuindo para as próximas gerações. Assim foi resumido o propósito da *Gazeta*:

O nosso proposito é simplesmente o seguinte: concentrar, quanto for possível, os elementos activos da classe medica, afim de que, mais unidos e fortificando-se mutuamente, concorram para aumentar-lhe os cretos, e a consideração publica; diffundir todos os conhecimentos que a observação propria ou alheia nos possa revelar; acompanhar o progresso da sciencia nos paizes mais cultos; estudar as questões que mais particularmente interessam ao nosso paiz; e pugnar pela união, dignidade e independencia da nossa profissão (*GAZETA MÉDICA DA BAHIA*, n. 1, 1866, p. 02).

Além disso, a necessidade de construção e manutenção da *GMB* foi asseverada no sentido do desenvolvimento moderno que era indispensável e se dava em outros países, processo do qual estavam distantes a Bahia e o Brasil.

Assim, com base na leitura e análise da primeira edição da *GMB*, podemos resumir duas ideias centrais que eram difundidas no período e que são fulcrais para o desenvolvimento do nosso estudo: a modernização e o cuidado com o corpo. A modernização, como já apontamos, estava profundamente ligada ao progresso científico, centralmente ao saber médico, e o aumento do cuidado com o corpo pode ser lido como representação desse desenvolvimento. Essas ideias imbricadas forjavam o discurso médico e apontam as representações de sociedade e de corpo construídas por esse grupo, nesse período histórico.

Os principais médicos fundadores e pesquisadores da *GMB* tinham sua atuação profissional centrada em instituições de Salvador, o Hospital de Caridade da Bahia, a Santa Casa de Misericórdia, o Hospital Militar e o Hospital Português. Isso possibilitou que tivessem uma observação variada dos problemas de saúde pública da capital baiana, logo, puderam expor suas visões sobre questões sociais importantes, inclusive as representações de corpo dentro dos preceitos modernos e higiênicos que defendiam.

Além disso, outros médicos de outras cidades e estados publicavam suas impressões, observações e análises na *GMB*, dando um recorte do panorama geral. Esses homens de ciências propuseram métodos diagnósticos e medidas terapêuticas das doenças, além de medidas e

práticas de acordo com as normas estabelecidas pela Higiene, buscando adequá-las ao contexto nacional, como a ginástica e outras práticas corporais (MARTINELLE, 2014; GOIS JUNIOR, 2003; 2013).

Dessa forma, o que podemos encontrar, ao analisar a *Gazeta Médica da Bahia*, é um retrato importante da sociedade baiana a partir do olhar do grupo que compusera o periódico. Em um momento de ascensão do saber médico e da defesa de novos modos de vida e, conseqüentemente, de formas de lidar com o corpo, a análise da *GMB* pode nos apontar as representações que se tinham do que era um corpo moderno e sinalizar o lugar das práticas corporais, como a ginástica, no debate da saúde pública.

Ginástica e outras práticas corporais na *GMB*: representações de corpo

Nós falamos aqui de um período de construção do ideário moderno que entrecruza, no Brasil, os séculos XIX e XX. Como já apontamos, houve certo destaque da ciência e do médico como figura detentora do saber que direcionava ou buscava determinar uma variedade de grupos de ações que pudessem conferir o aspecto simbólico e concreto do desenvolvimento no país. Assim foi com a *Gazeta Médica da Bahia*. Esse grupo de médicos buscou orientar suas atuações profissionais no sentido de buscar as práticas de saúde que eram mais desenvolvidas, práticas médicas vistas como mais modernas, naquele momento. E também, buscou orientar a sociedade sobre as ações que compunham um conjunto maior que afirmavam ideal para modernização.

Nesse sentido, estamos falando de um grupo que tinha a percepção e buscava o domínio do corpo a partir do conhecimento científico. Era o corpo – individual e coletivo/social – objeto de intervenção médica. Logo, a compreensão de corpo moderno, não moderno ou incivilizado que esse grupo caracterizava, estava entranhada por suas construções pessoais, simbólicas, concretas, contraditórias, mesmo que ambíguas. Todas essas características são próprias da modernidade e de um conceito central no nosso trabalho, o de representação.

Assim, as representações de corpo presentes da *GMB* falam da sociedade daquele período, do desenvolvimento médico-científico e do grupo médico em sua atuação profissional.

O porquê da importância da noção de representação que permite articular três registros de realidade: por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos

particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada (CHARTIER, 2002, p. 11).

Por isso, ao nos debruçarmos sobre as análises da *GMB* quanto às representações de corpo, temos que ter firmada a ideia que Chartier (2002) nos apresenta, adequando-a ao nosso contexto. Essas representações de corpo moderno foram construídas – não somente, mas pelo olhar das fontes aqui analisadas – por esse grupo, instituição médica que se colocava, a partir da *GMB*, como representantes do ideário moderno. Grupo esse que tinha incorporado suas formas de divisões e classificações do mundo social e organizava os esquemas de percepção do Moderno que julgava ser necessário aos corpos daquele momento. Contudo, isso não significa dizer que os indivíduos da sociedade baiana se apropriaram dessa representação construída pelos médicos ou como se apropriaram, tão pouco que as rejeitaram. Para o aprofundamento do debate sobre apropriação das representações, precisaríamos utilizar outras fontes, o que não esboça o nosso objetivo, nesse momento.

No período aqui demarcado, a medicina se desenvolvia e tinha um olhar atento para questões que ultrapassavam os doentes, a doença ou questões biomédicas, somente.

Sensíveis aos problemas sociais como todas as elites iluministas, os médicos introduzem os costumes em seu esquema explicativo da saúde e da doença. Designando o conjunto de fatores humanos, os costumes reúnem em si, ao mesmo tempo, as condições de trabalho, o habitat, os hábitos alimentares, sexuais, morais, em suma, todo o modo de vida (FAURE, 2008, p. 50).

Isso nos sinaliza como as questões sanitárias recebiam atenção especial, uma vez que um evento internacional com a presença de diversos países foi organizado para debater o assunto, além de fazerem parte do imaginário moderno. Também, os comportamentos dos indivíduos, bem como a fragilidade da atuação pública frente aos problemas de saúde – inclusive a ausência de médicos brasileiros no evento citado – e infraestrutura da cidade como causa de diversos males sociais. Por isso, eram recorrentes as publicações, na *Gazeta Médica*, que apontavam mazelas sociais diversas do período e a relevância do médico nesse contexto.

A medicina jamais permaneceu impassível diante dos gemidos e pungentes sofrimentos da humanidade. Para a solução de todas as questões e problemas sociais ella sempre interveio, collocando-se á frente do movimento civilizador: sua historia desde os tempos mais remotos é fecunda, é cheia das mais nobres e elevadas aspirações, e offerece uma serie successiva de factos e serviços em prol do bem estar do homem, que lhe dão a primazia entre as demais sciencias (*GAZETA MÉDICA DA BAHIA*, n. 2, 1866, p. 14).

Entre o dito e o feito, há certamente um vasto espaço. Destacado o tom de importância autoproclamada, é possível perceber como se reforçavam as questões em torno do papel da ciência no desenvolvimento civilizador e a busca por um lugar de ação frente à melhoria social. Na verdade, foi característico do momento as publicações, notadamente as colunas que buscamos analisar aqui, terem uma construção mais filosófica, retórica, do que técnica e puramente científica. Isso já nos faz inferir que existia um amplo olhar para o corpo como um componente social e não apenas uma visão anatomofisiológica desse corpo, apesar, de já sinalizado, ser um período de mais delineadas especializações, inclusive na medicina, como apontamos anteriormente.

Com o passar dos anos, conseguimos perceber uma mudança no trato do corpo, isso muito devido ao desenvolvimento das ciências que embasam a medicina. Quando vemos o uso de experimentos mais elaborados para saber a etiologia, origem, formas de contágios das doenças, também o desenvolvimento da microbiologia, vamos perceber uma mudança na forma de tratar, representar o corpo. Se um longo período – e até o fim do nosso marco temporal – temos a observação clínica como principal instrumento de construção científica, fazendo com que os debates tivessem um tom de retórica, mais do que técnica científica, posteriormente, podemos acompanhar essa mudança e consolidação de embasamento científico mais reforçado.

O estudo dos aneurismas internos é um dos mais interessantes para o medico pratico, e para o pathologista. Os variados pontos da arvore arterial que elles podem occupar, as suas diversas e multiplicadas relações com os orgãos visinhos, e, por conseguinte, as numerosas perturbações funcçionaes que elles occasionam, as difficuldades, ás vezes invencíveis, do seu exacto diagnostico, as frequentes occasiões de erro á que está exposto o medico que estuda praticamente, e a gravidade d'estas lesões, teem merecido a mais seria e assídua atenção de antigos e modernos investigadores, por effeito da qual se teem enriquecido os annaes da medicina, especialmente n'estes ultimos tempos (*GAZETA MÉDICA DA BAHIA*, n. 63, 1867, p. 131).

Todo o debate médico em torno dos problemas sociais que poderiam causar doenças, em ritmo mais lento ou mais acelerado, interferiu nos modos de olhar, enxergar e nas práticas em torno do corpo. Como aponta Faure (2008), o saber médico influenciou e influencia um conjunto de terminologias que usamos para denominar o nosso corpo ou partes dele. Longe de serem inconsequentes ou ingênuas essas denominações orientam nossa representação e nossa experiência corporal.

Quando falamos aqui em experiência corporal, prática corporal, modos de portar-se no corpo e de enxergá-lo estamos falando da própria experiência humana, que não pode ser entendida desencarnada. Nossa forma de existir, nossa forma de ser é corporal, quer a analisemos

de forma filosófica, política, intelectual, médica, econômica, religiosa ou outras mais, todas são formas de tratar um objeto múltiplo e complexo que é o corpo, que somos nós. O corpo influencia, constrói e é influenciado, construído a partir do desenvolvimento de todos os saberes, experiências, crenças e debates que foram produzidos ao longo da história, da nossa própria história.

Dessa forma, a *GMB* aponta como o saber médico construiu suas representações de corpo dentro do contexto de modernização da cidade de Salvador e no contexto de desenvolvimento da própria área da medicina que ampliava sua atuação no cotidiano citadino. Podemos imaginar que, pelo viés dessas leituras, de consultas médicas mais frequentes, indivíduos provenientes de esferas sociais cada vez mais amplas, escravizados, trabalhadores livres urbanos, mulheres trabalhadoras, senhores e senhoras da elite, tenham sido marcados por esses novos códigos que foram desenvolvidos. Corpos marcados por essas novas representações modernas (MORAES, 2013; FAURE, 2008).

O que centralizamos é a representação que a *Gazeta Médica da Bahia* conformou sobre o corpo, sobre o corpo moderno na cidade que buscava se modernizar, uma análise sobre a constituição dessas representações por esse grupo médico. Nós partimos do pressuposto, baseado em todo debate teórico construído sobre o período histórico, que houve uma gestação, um desejo de que novos hábitos, inclusive corporais – mas todos não são?! –, que construísem uma representação de modernidade pela qual a capital baiana passava. Para isso, vimos a centralidade do debate médico e buscamos no grupo que integrava a *GMB*, como esperado, mais de uma representação de corpo exposta nas fontes analisadas.

Assim, a partir das suas formas de compreender o mundo que se traduziu em práticas, nesse caso, de cura e tratamento dos corpos, esse grupo médico da *Gazeta* ordenou e classificou os indivíduos, seus corpos, em Salvador. A partir dos preceitos higiênicos e modernos, vimos como esses médicos conformaram o corpo doente, o corpo do escravo, do indivíduo livre e pobre, da mulher, do louco, da elite, o corpo social. Podemos ver nas fontes a representação de cada corpo, considerando-os em grupo, individual ou coletivamente, e como se distanciavam ou se aproximavam do ideário moderno.

Neste sentido, podemos ver, por exemplo, como o corpo escravo era visto em distinção ao corpo livre, mesmo que do indivíduo pobre. Ao tratar do aumento dos casos de tuberculose, no Brasil e na Bahia, Otho Wucherer fez uma longa descrição que precisou ser dividida em três números do periódico. Nas possíveis causas, condições que pudessem aumentar tais ocorrências, elenca as condições da vida urbana, pobreza e debilidade física e condições de trabalho como

potenciais para o desenvolvimento mais agressivo da doença. Ainda não havendo uma compreensão total da forma de contaminação e propagação da doença, o médico argumenta como a morte de escravos pela cólera, em 1855, foi um agravante que aumentou as condições de pobreza, indo coadunar no aumento da *phthisica*, como era chamada a doença naquele período, dentre outras doenças e tratamentos em que a ginástica e algumas práticas corporais aparecem como recomendáveis.

Entre os benefícios e os malefícios, o processo de modernização foi lido, em vários momentos, como negativo, como que podendo afetar o corpo de modo que pudesse o tornar débil e fraco frente às extenuantes exigências da sociedade modernizada. Neste sentido, Gois Junior (2003) e Corbin (2008) nos lembram como o higienismo e o desenvolvimento científico, em geral, em um dado momento passaram a olhar o corpo do trabalhador com atenção à fadiga e aos flagelos da sociedade que se industrializava e modernizada.

É geralmente admittido que a debilidade physica traz consigo grande disposição para a *phthisica*. Esta debilidade, ou existe de nascença, á herdada, e muitas vezes consequencia de debilidade ou moléstias, bem como tuberculose, scruphulose, syphilis, etc. dos paes, ou é adquirida. Neste caso ella pode ser causada por uma nutrição deficiente, absoluta, ou em relação aos esforços do corpo e dos seus gastos de material. Uma boa nutrição pode não ser sufficiente para recuperar as perdas por excessos no trabalho, nos prazeres etc., mas tambem muitas moletias, bom como a variola, sarampo, a syphilis, a hypoemia intertropical e todas as que deixam debilidade do corpo, podem ser causas predisponentes da *phthisica*; porém aqui cumpre-nos examinar quaes de todas as cousas contribuem mais para a crescente frequencia da *phthisica* no Brazil (*GAZETA MÉDICA DA BAHIA*, n. 47, 1868, p. 267).

Essa análise da *phthisica* nos aponta como o corpo, nesse momento, era menos propenso ao trabalho físico extenuante, mais suscetível às doenças e males da sociedade moderna. As doenças, o trabalho e hábitos do mundo moderno se juntavam para formar um corpo debilitado e fraco. Essa era a representação moderna de um corpo mais frágil que deveria se fortalecer através de boa alimentação, cuidados com o físico e com a moral, seguindo o que recomendava as regras modernas da higiene, da ciência moderna. Essa ciência moderna conformou representações de corpo. Em contraposição ao corpo doente e debilitado, a força física e moral era sinônimo das resistências necessárias às novas demandas sociais.

Nesse sentido, mais uma vez o desenvolvimento científico, dessa vez a fisiologia, contribuiu para um novo trato e olhar para o corpo. No ano de 1898, o número 61 da *GMB* apresentou na coluna “*excertos da imprensa medica*” um tratado sobre as produções em torno da fisiologia, afirmando como a ação muscular estava diretamente ligada à vida, atividade da vida

humana. “O alongamento da fibra espiral, órgão do movimento muscular do animal, está pois ligado ao estado da vida; isto é, a continuidade da nutrição e á permutação das matérias[...]” (*GAZETA MÉDICA DA BAHIA*, n. 61, 1898, p. 154).

A representação ou as representações de corpo que foram analisadas nas fontes apontaram que o fortalecimento e controle corporal eram pontos centrais para a formação do corpo moderno. Por isso, as práticas corporais, principalmente às ligadas a noção de exercício físico, contaram com defesas dos médicos da *Gazeta Médica da Bahia*. O objetivo era conformar o corpo com o “novo ethos que representaria a civilização, consubstanciado na grande cidade” (SOARES, 2005, p. 7).

Assim, o exercício, a ginástica, foram recomendados em vários momentos para diversos fins, principalmente para fortalecer o corpo e combater doenças, como foi o caso do tratamento da chorca. Dentre os diversos medicamentos e procedimentos, a ginástica apareceu como recomendação:

Nos casos muitos chronicos, em que só uma parte do corpo está affectada, ainda menos julga o Dr. Wilks que sejam apropriados os remédios. Por vezes grande é o partido que ahi se tem tirado da electricidade, ou de banhos de jorro. Houve há pouco quem recommendasse muito linimento de chloroformio applicado sobre a espinha. Às vezes uma mudança de posição do corpo é sufficiente para interomper o habito do moviemnto. Se não se dá esta oportunidade, póde empregar-se a gymnastica, porque fortalece os músculos e os nervos, e quebra as tendências ao movimento desordenado, convertendo-o em regular (*GAZETA MÉDICA DA BAHIA*, n. 85, 1870, p. 152).

Existiu, nesse ponto, uma relevância da ginástica no tratamento da doença em questão, mas é possível perceber como a sua utilização estava ligada ao controle corporal e autonomia do sujeito para modificação de hábitos que iria sanar a moléstia. O controle atribuído à ginástica estava ligado ao fortalecimento do corpo e dos nervos, que pode ser entendido como fortalecimento mental, moral. Nesse sentido, apesar de não tratar de um método específico ginástico – francês, alemão, sueco –, comungamos com Soares (2005) quando diz que essa ginástica se inseriu em um conjunto de normas de condutas para formar e reformar os corpos, regulando corretamente suas manifestações e educando seus hábitos.

Podemos perceber como algumas práticas corporais, notadamente, a ginástica e alguns esportes compuseram a representação de corpo moderno elaborada pelo grupo de médicos que compunham a *Gazeta Médica da Bahia*. As justificativas se embasavam no desenvolvimento científico do período para apontar como essas práticas poderiam fortalecer o corpo e o caráter para lidar com as demandas da sociedade baiana que se modernizava. Nesse sentido, como

asseguram Vigarello e Holt (2008), um novo universo de gesto e do desempenho ligados ao trabalho e às práticas corporais revisaram o corpo. Isso estava em sintonia com contexto citadino que se modernizava.

Desta forma, após análise das fontes, podemos afirmar que a racionalização, fortalecimento e moralidade dos movimentos corporais, vinculando-se à lógica do desempenho, estiveram no debate da *Gazeta Médica da Bahia* em defesa da ginástica e outras práticas corporais para educação do corpo moderno em Salvador, no período em questão.

Conclusão

Primeiro, gostaríamos de sinalizar a experiência moderna de Salvador, da qual falamos no início do texto, que seguiu um ritmo próprio, a partir de suas peculiaridades. Sua lenta e sutil industrialização ligada ao contexto cultural marcou suas especificidades. Também, a cena política, por vezes conflituosa, chegando a momento bélico de fato, fizera da cidade uma conjuntura distante dos modelos vistos como mais sólidos de modernidade, no período. Mas, ao seu passo, sua experiência moderna se estabelecera, onde muito do tradicional se sobrepusera ao novo, naquele momento.

Tratando mais especificamente do objeto de nossa pesquisa, vamos começar falando do grupo de fontes analisadas. Podemos, então, dizer que esse processo de modernização, no contexto intelectual da elite médica baiana, vislumbrada através da *Gazeta Médica da Bahia*, apresentou-se como um marco de desenvolvimento científico que, extrapolando o debate médico, representou uma parcela da realidade soteropolitana, mostrando em alguns momentos sintonia, em outros, distanciamentos com o que era debatido em outros locais do país e do mundo.

Nesse sentido, o grupo fundador da *GMB*, fortemente vinculado à Escola Tropicalista Baiana, buscou desenvolver independência e identidade nacional na cena médica e, em muitos momentos, conseguiu. Isso consolidou nomes de médicos ao desenvolver algumas áreas da medicina brasileira com a descoberta de doenças e tratamentos novos. Contudo, o que podemos ver no debate geral é que estivera muito envolto ao conhecimento estrangeiro, notadamente, europeu, especificamente o francês. Isso nos aponta que mesmo o conhecimento científico que se buscava independente estava vinculado ao velho mundo, assim como outros aspectos sociais e culturais brasileiros do período. O papel do médico foi destacado, no período aqui estudado, não apenas por utilizamos as fontes produzidas por esse grupo, mas pela literatura que apontava a

importância dessa figura na cena de modernização. Isso porque sanar as doenças, sanear a cidade que sofria de frequentes epidemias e más condições de saúde pública estava na pauta do dia e eram a partir do saber médico que surgiam as soluções.

É preciso que se destaque essa atuação, por vezes controversa, para que possamos entender o alcance das representações de corpo elaboradas pelo grupo da *GMB*. Vamos, mais uma vez, lembrar que as representações só se consolidam quando se traduzem em práticas, influenciando o ordenamento social. Por isso, entender, dentro do que nos foi possível, a atuação desses médicos, apontou como as representações de corpo foram interferir nos corpos e no contexto em que atuaram.

Na onda de modernização, vimos que houve a construção de representações de corpo. O corpo destoante, muito mais sinalizado nas páginas da *GMB*, se apresentava como fraco, física e moralmente, frente às demandas da sociedade moderna. Por isso, era preciso que modificasse tal realidade através de uma educação do corpo, onde as práticas corporais ganharam destaque, notadamente a ginástica, mas também outras, como a esgrima, o remo e a dança. A defesa dessas práticas baseadas nos desenvolvimentos científicos compusera um grupo de recomendações que o higienismo pautava. Entre a alimentação, o comportamento moral, o saneamento das cidades e até o comportamento sexual, o alcance do olhar médico foi irrestrito. Tudo isso para educar o corpo moderno que deveria ser forte, racional, moral e útil a sociedade em geral.

Por fim, o que podemos dizer, após análise de todas as fontes, é que a representação de corpo moderno, para o grupo da *GMB*, estava centrada em um uso racional e útil do corpo fortalecido, física e moralmente, pelos preceitos higiênicos que tinha a ginástica e outras práticas como elementos capazes que fornecer essa educação do corpo. Outro ponto a ser considerado e intimamente ligado ao anterior é que a educação do corpo individual, a fim de torna-lo moderno, não se restringia a beneficiar um único indivíduo, mas sim educar o corpo social para que então pudesse construir a imagem, a representação de moderna que se almejava para Salvador. Ou seja, a educação e formação do corpo moderno estavam ligadas à necessidade desse corpo para a cidade moderna que se construía.

Referências:

BASTIANELLI, Luciana. *Gazeta Médica da Bahia – 1886-1934/ 1966-1976*: publicada por uma Associação de Facultativos. Salvador: Edições Contexto, 2002.

BERMAN, Marchall. **Tudo que é sólido desmancha-se no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia da Letras, 1986.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: USP, nº11, vol. 5, 1991.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CORBIN, Alain. **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Tradução: João Batista Kreuch; Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Angela Marques Da; SCHWARCZ, Lília Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ENDRES, Armelle. **A história do Rio de Janeiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.

FAURE, Olivier. Olhar dos médicos IN: CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Volume II. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FERREIRA, Vítor Sérgio. **Modas e modos: a privatização do corpo no espaço público português**. In: MATTOSO, José (Direção). **História da vida privada em Portugal: os nossos dias**. Lisboa: Temas e Debates, 2011.

GOIS JUNIOR, Edivaldo. **O século da higiene: uma história de intelectuais da saúde (Brasil, século xx)**. 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

GOIS JUNIOR, Edivaldo. **Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX**. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 139-159, jan/mar, 2013.

MACHADO, Aline Gomes. **A Ginástica como prática educativa na Bahia (1850- 1920)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

MALAQUIAS, Anderson Gonçalves. **Ciência, educação e divulgação científica: o nascimento da bacteriologia nas páginas da *Gazeta Médica da Bahia* (1866- 1890)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2012.

MARTINELLI, Maria de Fátima Mendes. **Comunicação científica em saúde: a *Gazeta Médica da Bahia* no século XIX**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário de esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Autores Associados. Rio de Janeiro, 2007.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Carlos de Faria. **A gymnastica no tempo do Império**. 7 Letras. Rio de Janeiro, 2014.

MORAES, Dislane Zerbinatti. **A modernidade pedagógica no discurso médico do século xix no Brasil: uma análise da revista *Gazeta Médica da Bahia* (1866- 1920)**. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/63110510/A_modernidade_pedag%C3%B3gica_no_discurso_m%C3%A9dico_do_s%C3%A9culo_XIX_no_Brasil_uma_an%C3%A1lise_da_Revista_Gazeta_M%C3%A9dica_da_Bahia_1866_1920_ Acesso em: 28 de set. 2023.

MORENO, Andrea. **Terpsícore: ou... da carne e da alma fluminense**. In: Carmen Lúcia Soares. (Org.). **Corpo e História**. 4ed.Campinas: Autores Associados, 2011, v. 1, p. 133-147.

- RISÉRIO, Antonio. **Uma história da Cidade da Bahia**. 2 ed. Versal Editores. Rio de Janeiro, 2004.
- ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. **Esporte e Modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX**. 2011. Tese (Doutorado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- SEVCENKO, Nicolau (org). **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à era do rádio**. Schwarcz Ltda. São Paulo, 2006.
- SOARES, Carmen Lúcia. Uma educação pela natureza: o método de educação física de Georges Hébert. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 37, n. 2, 2005.
- SOARES, Carmen Lúcia. **Notas sobre a educação do corpo**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 43-60, jan./jun. 2000.
- SOARES, Carmen Lúcia. **Natureza, vida ao ar livre e Educação Física no início do século XX: fragmentos da obra de Georges Hébert**. Revista ISEF digital, Montevideo, 2005.
- VERAS, Flávia Ribeiro. Encenando A Modernidade no Rio de Janeiro e Em Buenos Aires: o trabalho artístico como promoção da identidade cultural. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 158-177, 2019.
- VIGARELLO, George. História da beleza. Tradução: Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- VIGARELLO, George; HOLT, Richard. O corpo Trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain. **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Tradução: João Batista Kreuch; Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 2008.

Notas:

¹ Esta pesquisa contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora do Grupo CORPO/UFBA. Professora da Rede Estadual de Educação da Bahia. E-mail: liumaxado@hotmail.com / <https://orcid.org/0009-0007-2029-5941>